



Minorias: Apontamentos e reflexões no campo científico

Ana Paula Gomes Nunes

Minorities: Notes and reflections in the scientific area

O livro *Comunicação e cultura das minorias* é uma coletânea organizada por Raquel Paiva e Alexandre Barbalho que reuniu 13 artigos, todos abordando de diferentes formas a temática: minorias. A primeira parte do livro, isto é, os seis primeiros capítulos tecem uma reflexão sobre questões fundamentais e mais teóricas a cerca do tema minorias. Os capítulos seguintes retratam observações sobre grupos minoritários específicos entrelaçadas a referências teóricas.



Ao iniciarmos a leitura do livro encontramos o texto de Muniz Sodré – *Por um conceito de minoria* – que serve como embasamento para a compreensão do restante do livro. Nesse capítulo, Sodré utiliza conceitos claros e precisos na definição do termo minoria.

“Minoria não é, portanto, uma fusão gregária mobilizadora, como massa ou a multidão ou ainda um grupo, mas principalmente um dispositivo simbólico com uma intencionalidade ético-política dentro da luta contra-hegemônica” (SODRÉ, 2005, p.11). Outro ponto levantado pelo autor é a questão da ordem jurídica social, de acordo com Sodré, um partido ou mesmo sindicato não se caracterizam como minorias justamente por ocuparem um lugar dentro da ordem jurídica social instituída. Dessa forma, Muniz Sodré apresenta características fundamentais para a definição de uma minoria, são elas: vulnerabilidade jurídico-social, identidade *in status nascendi*, luta contra-hegemônica e estratégias discursivas.

Os três capítulos seguintes falam sobre minorias, porém, utilizam o viés político. No texto *Mídia e política de minorias*, Raquel Paiva aponta a protagonização da mídia



nas mediações sociais e sua conseqüente ação reguladora na sociedade. Paiva associa a predominância do incentivo ao consumo na mídia à exclusão cada vez maior de indivíduos. Seguindo essa lógica, a ação reguladora da mídia, segundo a autora, tem gerado violência e crueldade.

Nesse cenário de violência, explica as ações terroristas. “Terrorismo pode ser entendido como as atuações, sempre violentas, que certos grupos minoritários adotam num contexto social, marcado por esquemas de força por parte dos centros de poder hegemônico” (Paiva, 2005, p.19). Entre as alternativas para mudar essa realidade, a autora coloca a atuação de uma política gerativa com ênfase nas praticas cotidianas e da localidade, considerando-se também o cenário multicultural atual.



O capítulo três de autoria de Alexandre Barbalho – *Cidadania, minorias e mídia* – inicia a discussão questionando o lema da Revolução Francesa: Liberdade, fraternidade e igualdade. De acordo com o autor liberdade e igualdade são excludentes entre si. A partir desse ponto, Barbalho afirma que não se pode considerar o conceito de “cidadania individual” como universal,

pois cada cidadão é um individuo único e sendo assim, possui culturas diferentes.

O autor também ressalta que a mídia hoje é o meio/ espaço onde se trava a luta política. Assim, Barbalho conclui que a cidadania para as minorias inicia-se pelo acesso democrático aos meios de comunicação.

Maria João Silveirinha também reflete sobre democracia, em seu texto intitulado *Democracia e reconhecimento: repensar o espaço público* a pesquisadora fala da necessidade da democracia além de respeitar as diferenças ser mais inclusiva. Durante o desenvolvimento do texto, Silveirinha assim como Alexandra Barbalho aborda a desafios enfrentados por sociedade onde existe uma grande diversidade identitária.



Prosseguindo com a temática – identidades – Márcio Souza Gonçalves discute o tema dentro do ambiente virtual. No capítulo *Minoria, Identidade e Virtualidade*, o autor inicia explicando sobre os conceitos de identidade moderna (ancorada na razão, baseada num eu fixo e estável) e identidade pós-moderna (não mais definida pela razão, aberta a múltiplos derives e instável).

Além de fatores como: aceleração do capitalismo, mediação social e globalização, as novas tecnologias da comunicação exercem papel fundamental no surgimento dessas formas de identidade. Dessa maneira, chats e conversas on line permitiriam a experiência de identidades múltiplas e desprovidas de territorialidades de normalmente limitam as vivências identitárias. Como minoria, o autor apresenta no texto os amantes virtuais – aqueles que iniciam e mantém relações amorosas virtuais, e os que praticam o ciberamor.

As identidades virtuais potencializariam aspectos das identidades ditas reais, exacerbando traços já presentes: toda identidade sendo por definição uma máscara socialmente construída, as identidades virtuais seriam máscaras elevadas à segunda potência, máscaras de máscaras, ou seja, essencialmente, como as outras máscaras (Gonçalves, 2005, p.82).

Durante o texto *O Sentido da Tradição*, Eduardo Granja Coutinho, explica sobre as duas possibilidades de compreender cultura teoricamente através da concepção metafísica e a concepção dialética de tradição. Uma concepção aborda uma realidade mais objetiva, deixando de lado a ação subjetiva e processual. Outra contempla o aspecto mais ativo da tradição, negligenciando o lado objetivo que o homem encara diretamente.

A partir dessas discussões, Coutinho apresenta as definições de cultura e tradição hegemônica utilizando conceitos de Gramsci em sua argumentação. Dessa maneira, o autor define cultura não como algo passivo e sim, como um campo de luta pela hegemonia.

Ângela Prysthon e Jeder Silveira Janotti Jr, falam sobre minorias e ambos utilizam como foco de seus trabalhos os jovens brasileiros. Em seu texto – *Negociações na periferia: mídia e jovens no Recife* -, Ângela Prysthon apresenta inicialmente um panorama sobre a cultura urbana na contemporaneidade, as possibilidades da comunicação nessas grandes cidades e as funções exercidas pelos jovens dentro desse cenário.

Focada na cidade de Recife, Prysthon critica a situação da mídia como um espaço restrito e conservador. Além disso, a autora também mostra a cena de resistência do



Recife, formada majoritariamente por jovens da periferia pernambucana. Jeder Silveira Janotti Jr em seu capítulo – *Mídia, cultura juvenil e rock and roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos* – trabalha com três possíveis formas de interação sócio-culturais: comunidades de sentido, tribos e grupamentos urbanos.

Segundo Janotti Jr., as comunidades de sentido são caracterizadas por agregações que compartilham valores, gostos e determinadas práticas de consumo em espaços desterritorializados através de processos midiáticos. Os grupamentos urbanos seria a prática local dos valores difundidos globalmente. Assim, a expressão local das comunidades de sentido é definida como grupamentos urbanos e a cidade seria o cenário onde as práticas de sentido são vivenciadas.

Os capítulos nove e dez abordam as relações de gênero de diferentes formas, o primeiro dentro de uma abordagem mais teórica e reflexiva, explana sobre apontamentos metodológicos do estudo de recepção. A autora traça um panorama dos estudos de recepção, reconhecendo a importância dos conceitos de Matín-Barbero para os estudos de recepção na América Latina.

Ainda no texto *As relações de gênero nos estudos de recepção*, Ana Carolina D. Escosteguy relaciona os estudos de recepção latino-americanos aos estudos culturais anglo-americanos, que teria como marco inicial a divulgação do texto “Encoding and decoding the television discourse”, de Stuart Hall.

Tendo isso em vista, a autora também pontua o encontro do feminismo com o estudo de recepção anglo-americano como processo de surgimento de novos questionamentos a cerca de identidade, já que de acordo com Escosteguy, foi através dessa junção que os estudos de recepção da década de 1990 acrescentaram às questões de gênero as que envolvem raça e etnia, definindo a localização social, cultural e subcultural do receptor.

No capítulo intitulado – *Travestis, transformistas, drag-*





queens, transexuais: pensando a construção de gênero e identidades na sociedade contemporânea – a autora propõe uma reflexão sobre as novas formas e possibilidades de identidade nos dias de hoje. Um dos pontos levantados por Juliana Gonzaga Jayme é sobre a condição da identidade, sendo que não é algo dado e sim, uma construção social, intimamente ligada à alteridade e à diferença. E tendo em vista o cenário globalizado que vivemos, a autora afirma que mais do que nunca a construção das novas identidades está relacionada à midiaticização da sociedade.

Os últimos três capítulos do livro possuem a questão racial e étnica como central em suas discussões. No texto, *Inclusão cultural e mídia: um olhar* – de Angela Schaun, há uma explicação do racismo científico no Brasil e da perpetuação do pensamento eurocentrista na formação histórica do nosso país. A autora ainda se apropria de alguns conceitos de Muniz Sodré sobre a definição do negro na sociedade contemporânea. “A estética identitária define a minoria como uma identidade e/ ou uma relação de poder. Por isso, ‘pode-se afirmar que o negro no Brasil é mais um lugar do que o indivíduo definido pura e simplesmente pela cor da pele’” (Schaun, 2005, p.177).

Mohammed Elhajji aborda em seu texto – *Comunicação, cultura e conflitos: uma abordagem conceitual* – a temática etnicidade no Brasil. A autora fala sobre as possibilidades positivas que a diversidade cultural em que vivemos pode ser responsável, porém também aponta os potenciais atritos e conflitos causados por essa multiplicidade. Dessa maneira, Elhajji apresenta a necessidade de ter conhecimento sobre a identificação dos grupos étnicos recém chegados ao Brasil, tais como são refletidos por seus meios de comunicação comunitários.

Portanto, a importância dos discursos politicamente fundamentados e socialmente coerentes não se limita à sua capacidade de representação do real, mas sim de sua eficácia em produzir sentido e estabelecer o consenso necessário para a sobrevivência do grupo enquanto tal e a sobrevivência política e identitária de seus membros tanto dentro do grupo como no seu relacionamento diário com os diversos segmentos da sociedade na sua totalidade (Elhajji, 2005, p.201).

Retratando a problemática do embranquecimento na sociedade brasileira, Liv Sovik encerra a coletânea de artigos. No capítulo chamado *A branquitude e o estudo da mídia brasileira: algumas anotações com base em Guerreiro Ramos*, Sovik concentra sua



análise principalmente na mídia televisiva. Durante o texto, é apresentado um panorama da branquitude no Brasil, em que percebemos o quanto o tema tem estado presente tanto na literatura nacional quanto nos estudos acadêmicos através de nomes como: Sylvio Romero, Nina Rodrigues e Gilberto Freyre.

A autora também afirma que no Brasil, o termo mais adequado seja “etnicidade dominante tendencialmente branca” por levar em conta outras matizes de cor. Ainda de acordo com Sovik, os meios de comunicação são os responsáveis pela veiculação da cultura hegemônica e predominantemente branca, assim, a branquitude continua sendo um projeto para a nação. “A branquitude brasileira pode ser concebida então como uma identidade, uma função ou papel social, como um valor ou ideal na mídia e como um problema ou território a ser explorado, na teoria” (Sovik, 2005, p.214).

Recebido em março de 2012.

Aceito em maio de 2012.

Arte: Daniela Araújo